

MACEDO, HELDER (2015).

Parts of Africa.

Trad. Philipp Rothwell. Dartmouth, Massachusetts: University of Massachusetts Dartmouth, 201 p.

Quando, em 1991, *Partes de África* apareceu em Portugal, editado pela Presença, o público leitor reagiu com alguma perplexidade. Sabia-se que Helder Macedo tinha dado a lume alguns livros de poemas (e.g. *Vesperal*, 1957, muito elogiado por Jorge de Sena; *Das fronteiras*, 1962, aclamado por João Gaspar Simões); sabia-se que era detentor da Cátedra Camões no King's College de Londres, com ampla obra académica publicada. Sabia-se também que ele se tinha exilado em Londres no início dos anos sessenta para evitar perseguições salazaristas; que voltara depois da Revolução dos Cravos para participar na política de democratização do país, tendo sido Secretário de Estado da Cultura do infelizmente malogrado governo de Maria de Lourdes Pintasilgo; mas pouco se sabia, em geral, do seu percurso de vida e dos seus dilemas existenciais e profissionais.

O romance *Partes de África* é uma cortina aberta para como se formou a imaginação narrativa de Helder Macedo. Um romance de originalíssima forma, que combina história, ensaio, autobiografia e ficção – e termina com um poema. Um romance que finge não ser e uma autobiografia que finge ser, *Partes de África* é um dos primeiros ajustes de contas poéticos com o colonialismo português. Talvez não por acaso, foi no Brasil que os leitores imediatamente lhe fizeram justiça, mesmo antes da edição brasileira em 1999. O público brasileiro, em geral, foi-lhe favorável, e apaixonadamente o adoptaram os críticos e os académicos. Os ensaios sobre a escrita criativa de Helder Macedo, não sendo totalmente inexistentes em Portugal, multiplicam-se no Brasil pelas centenas, dissertações de mestrado e teses de doutoramento incluídas, sendo *Partes de África* o romance ainda hoje mais estudado. Nele, a ex-colónia encontrou ampla matéria para reflectir sobre o colonialismo português, o modo como a

sua imoralidade foi sendo sempre moralmente justificada, até ao momento do reconhecimento da inevitabilidade do seu fim. No romance, este é o momento em que o jovem Helder, filho e neto de reputados administradores coloniais, começa a perguntar-se quem seriam afinal os “bons” e os “maus” do império colonial português. É o momento em que na imaginação de um filho privilegiado do colonialismo começa a despontar o que viria a ser a memória do autor pós-colonial.

Helder Macedo garante em algumas das suas entrevistas que não é um autor de difícil leitura, que é fácil o seu vocabulário. Depende. Se se entender a leitura deste romance como uma descoberta ávida do interessante percurso de vida de alguém capaz de dar conta da história de Portugal desde o salazarismo até à Revolução de Abril e depois; de alguém, um protagonista-narrador, que vive uma relação ideológica atormentada com o pai; de alguém que se move em interessantes circuitos literários e artísticos; de alguém a crescer emocional e sexualmente em ambientes empolgantes; de alguém a escolher ser especialista de literatura e cultura portuguesas em terra estrangeira – a leitura não será demasiado exigente. O difícil é captar o tom multifacetado do romance, que narra uma história nacional trágica (antes e depois de Abril de 1974) numa voz pessoal que vai do solene e dramático ao cómico, irónico e mesmo sarcástico. É aqui que se torna necessário apreciar bem a tradução de Phillip Rothwell, que veio em boa hora inaugurar o lançamento da ficção de Helder Macedo no mundo de língua inglesa.

Phillip Rothwell não é um tradutor qualquer. Aluno de Helder Macedo em King's College, é hoje King John II Professor of Portuguese Studies da Universidade de Oxford. Entre a sua já vasta obra sobre literatura e cultura portuguesas e de língua portuguesa, conta-se um estudo muito inovador, de orientação lacaniana, sobre a identidade portuguesa. Refiro-me a *A Canon of Empty Fathers. Paternity in Portuguese Narrative* (Lewisburg: Bucknell University Press, 2007). O oitavo capítulo do livro é, como o próprio título indica, dedicado a Helder Macedo: “Farewell to the Father: Metaphors, Triangles, and the Missing Ink in Helder Macedo”. A análise arguta que Rothwell oferece da narrativa de Helder Macedo, em particular de *Partes de África*, revela bem a subtilidade e profundidade da sua compreensão deste autor no seu contexto

histórico, político e cultural. Estamos perante um tradutor bem digno do seu autor. A tradução que aqui tenho o gosto de apresentar capta brilhantemente, simultaneamente com rigor e humor, os vários estilos e tons de um romance de facto muito complexo. Por mais fácil que se possa entender a sua leitura a um certo nível, *Partes de África* é um romance cheio de alusões culturais, históricas e políticas, e subtilmente consciente da teoria literária que o funda. A tradução não foi decerto fácil, como de resto o tradutor reconheceu no lançamento do livro em Oxford, por ocasião da homenagem prestada a Helder Macedo nos seus oitenta anos em 28 de Novembro passado. Phillip Rothwell faz anteceder *Parts of Africa* de uma oportuna introdução – “Literary Legacies and Postcolonial Reconciliations” – logo seguida de uma breve nota sobre, justamente, o desafio que constituiu para si a tradução de *Partes de África*. A meu ver, o êxito da tradução mede-se pela forma como a linguagem habilmente escolhida pelo tradutor retrata um ser pós-colonial por demais consciente desse ambíguo prefixo “pós”. A concluir a sua introdução, Phillip Rothwell sugere que o narrador, com a sua pose anti-colonial auto-depreciativa, se revela produto da mesma herança cultural e política contra a qual lutou, um gesto que denuncia, não radical rejeição, antes compreensão e necessidade de reconciliação. A tradução recria bem esse gesto – ou tom.

Não hesito em augurar um futuro muito auspicioso nos mundos de língua inglesa para este primeiro romance de Helder Macedo, magnificamente vertido na língua de Shakespeare por Phillip Rothwell.

MARIA IRENE RAMALHO

irsantos@wisc.edu

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Universidade de Wisconsin-Madison